

# O TIRO CIVIL

REVISTA DE EDUCAÇÃO PHYSICA E DE SPORT NACIONAL

PREMIADO COM O GRANDE DIPLOMA DE HONRA NA EXPOSIÇÃO DA IMPRENSA, LISBOA, 1898

Director e proprietario

**Anselmo de Sousa**

Orgão official da União dos Atiradores Civis Portuguezes

(Artigo 42.º do Estatuto, decreto do ministerio da guerra de 23 de novembro de 1899)

Redactor gerente

**Eduardo de Noronha**

E DA UNIÃO VELOCIPEDICA PORTUGUEZA

Editor responsavel

J. S. Pedroso Junior

Typographia — Rua de S. Paulo, 216

Sexta-feira, 15 de Agosto de 1902

Assignatura, paga adiantada

Lisboa, 6 mezes . . . . . 600 réis  
Provincias, 6 mezes . . . . . 680  
Numero avulso . . . . . 60

## Aos nossos leitores

Por lapso, em o nosso numero passado, não dissemos que em virtude da transformação por que passou *O Tiro Civil* o nosso velho amigo e bom camarada n'estas lides da imprensa, Carlos Callixto, quiz, e a seu pedido, deixou o logar de secretario da redacção,

conceito publico, que, estamos certos, o continuará a proteger como tem feito até aqui.

**Anselmo de Sousa.**

## TIRO

### ATIRADORES CIVIS DO PORTO

13.ª FILIAL DA UNIÃO

Está finalmente reconhecida a 13.ª filial da *União dos Atiradores Civis*, na cidade do Porto, graças á muita dedicação do nosso presado amigo e antigo assignante José Heitor Antunes, o qual acompanhado de elementos das antigas associações do norte, e de varios socios do *Club de Caçadores*, conseguiu levar a bom fim este patriotico empreendimento.

Acompanhando S. Ex.ª o general Lencastre de Menezes, illustre director geral dos serviços d'infanteria, a cargo da qual está actualmente o *Tiro Nacional*, foi ao Porto o nosso collega Eduardo de Noronha, secretario da *União* que em nome d'esta, em sessão solemne realisada em 8, nas salas do *Centro Commercial*, reconheceu como 13.ª filial da *União*, a *Associação dos Atiradores Civis do Porto*. O sr. Noronha, aproveitou o ensejo, para n'uma pequena palestra em phrase singela, expôr aos presentes — que o eram em grande numero — os serviços que a *União* tem prestado e pôde ainda prestar ao *Tiro Nacional* instituição patriótica, que bafejada pela protecção de todos os governos, pouco tem obtido da iniciativa e apoio popular. Mostra a alta conveniencia de se desenvolver em Portugal o gosto pela educação do tiro importante motor para secundar a familia militar, na defeza e integridade da patria, unico meio porque poderá terminar a extranhavel e anti-patriotica relucencia com que no paiz se paga o tributo de sangue. Mostra quanto o pagamento d'esse tributo, se torna

lhe a sua adhesão individual, e a esperança da boa vontade dos seus collegas, são para elle sufficiente garantia da radicação da cidade invicta, da educação do *Tiro Nacional*. Como representante do jornal *O Tiro Civil* agradece á imprensa, as amaveis referencias que lhe dirigiram, pois todas revertem em favor da causa que defende.

E assim terminou esta modesta mas significativa solemnnidade, que nos deixou a gratissima impressão, de que o sentimento do amor da patria, manifestado, pelo nobre civismo dos portuenses, lhes incurtirá a precisa energia, para conseguirem com o seu trabalho e persistencia, o que não possam nem devam esperar da boa vontade das estações superiores, as quaes no desenvolvimento das suas leis — quando liberaes e patrioticas — não podem dispensar o auxilio geral, que lhes significa n'estas circumstancias o concurso unanime do povo que dirigem.

Na sua estada no Porto, teve o sr. Noronha occasião de reconhecer com quanta boa vontade e entusiasmo, se interessa o sr. general Lencastre de Menezes, por tudo quanto diga respeito ao desenvolvimento do *Tiro Nacional*, e quão fundadas são as esperanças da *União* de que dentro em breve, tão util instituição terá perante o paiz, a importancia que merece.

Dignou-se s. ex.ª aplanar certas difficuldades, como a da escolha do terreno apropriado para a carreira de tiro, encarregando-se d'esse importante e delicado serviço um disincto official do exercito; interessou-se ainda s. ex.ª, junto do presidente da camara, pela protecção que esta tem por dever dar á filial, seguindo assim o exemplo da camara de Lisboa; fez ainda mais s. ex.ª dignando-se appellar para os seus amigos particulares, solicitando-lhes a sua inscripção na filial. Actos d'esta ordem demonstram á evidencia que a parte pensante do nosso exercito, consequentemente a sua representante, comprehende e abraça a missão que se impoz a *União*, que não é exclusivamente sua, mas de todo o paiz.

Recebeu tambem o sr. Noronha as mais altas provas de benevola deferencia por parte de toda a imprensa do norte, e teve um affectuoso acolhimento das sociedades mais directamente ligadas com a *União*, como dos *Atiradores Civis d'Espinho* e *Club dos Caçadores do Porto*, onde lhe foi offeredo um almoço e lhe deram a honra de presidir a um torneio no qual o modesto



**Mario Bruzzoni**

Secretario da União Cyclista Internacional

mas ficou seu redactor effectivo tendo principalmente a seu cargo a secção de velocipedia e automobilismo.

Podemos affoutamente dizer que nenhum outro jornal ou revista serve melhor os seus leitores, n'este ramo de *sport*, do que nós, pois em Portugal, podemos dizel-o sem reservas ninguém melhor do que Carlos Callixto pôde tratar esta secção, ninguém como elle conhece o movimento cyclista do nosso paiz além das atenções e cuidados com que segue este *sport* em todo o estrangeiro.

A nossa administração melhorou consideravelmente com a entrada de Eduardo de Noronha, nosso companheiro de ha tantos annos, e bem assim a secção de tiro. Se o primeiro é o secretario da U. V. P. que tanto lhe deve, o segundo é o secretario da U. A. C. P. que alli tem dado as mais sobejas provas de quanto vale a sua intelligencia e a sua actividade.

Podemos pois affirmar aos nossos leitores que *O Tiro Civil* vae entrar n'uma phase que muito o elevará no

concepto publico, que, estamos certos, o continuará a proteger como tem feito até aqui.



**Eduardo Pinto da Cruz**

Delegado no Pará da União Velocipedica Portuguesa e correspondente de *O Tiro Civil*

premio que offereceu, teve o primeiro logar, ganhando-o em brilhante liça o distincto atirador Cabral Borges. N'um jantar intimo que o nosso collega offereceu ao sr José Heitor Antunes, presidente da filial, Baptista de Sá, dedicado secretario do *Club de Caçadores* e nosso correspondente, Moreira de Sá, tambem da direcção da filial e laureado atirador, trocaram-se affectuosos brindes que mais apertaram os laços de amizade e confraternidade, que sempre existiram entre atiradores e caçadores.

O *Tiro Civil* congratulando-se pelo brilhante resultado obtido pela *União* na cidade do Porto, faz ardentos votos para que attinja o mesmo exito, na continuação da sua liberal e util propaganda.

## LOANDA

D'esta localidade onde a *União dos Atiradores Civis Portuguezes* tem uma filial recebemos o protesto que segue, e que gostosamente publicamos para que não possa haver equívocos, certos como estamos que alli são todos patriotas de lei e incapazes de trocar a sua nacionalidade de bons e leaes portuguezes por outro qualquer.

Segue o protesto:

### Ao Paiz

Por uma singular coincidência, e quando ainda nem publicidade se havia dado ao manifesto de 6 de julho, isto por demora nos trabalhos d'impressão, começaram a chegar a nossos ouvidos rumôres vagos de que o *Ultramarino* jornal que se publica em Lisboa á sabida dos paquetes para esta costa, no seu numero de 6 do corrente dava curso, ou sob a forma de telegramma, ou inserto em correspondencia d'aqui enviada, a noticia de que—esta colonia dirigira, ou pensava dirigir, uma mensagem ao Rei de Inglaterra sollicitando a sua intervenção e o seu auxilio na solução dos assumptos privativos da administração d'esta provincia até ao ponto de ser banido o dominio portuguez.

Imediatamente ao haver-nos certificado da publicação de tão infame e infamante noticia, corremos pressurosos a desmentil-a pelo meio mais rapido que se nos deparava, e em data de hontem fizemos expedir, dirigido á Agencia Havas, o seguinte telegramma:

«Havas—Lisboa—Comissão comicio protesta contra noticia Ultramarino, repelle ideia intervenção estrangeira, mantém pensamento manifesto».

Hoje, e mais accentuadamente, vimos á face do paiz inteiro corroborar aquelle nosso protesto de indignação contra tão criminoso pensamento, que nunca esteve nem podia estar, em circumstancia alguma, na intenção d'aquelles que, embora asoberbados por uma crise que promete aniquillal-os, recorrem para o esforço mais supremo, vigoroso e tenaz, filho unicamente dos seus recursos proprios, mas nunca de auxilio estranho.

A negligencia e má orientação dos nossos governos, poderá conduzir-nos a toda ordem de sacrificios, que os não regateamos a uma causa tão justa como é a nossa; mas ao que por forma nenhuma nos hão-de arrastar, é ao sacrificio da nossa dignidade de homens livres, trocando a qualidade de cidadãos portuguezes, que tanto prezamos, pela de subditos de qualquer estrangeiro.

São os nossos estadistas, é certo, os culpados da nossa desgraçada situação e para o tribunal da opinião publica os chamamos, sem nunca podermos lançar as manchas que os cobrem, sobre o nome honrado do nosso velho Portugal que quanto mais longe o vemos mais afeição lhe temos.

A toda a imprensa pedimos a maior publicidade d'este nosso protesto, para que, ainda no mais recondito logar da nossa terra, elle não possa deixar de ser conhecido.

Loanda, 12 de Julho de 1902.

Pela grande commissão: — O presidente, *Joaquim da Cruz Lima*. — O 1.º secretario, *Telmo Bandeira*. — O 2.º secretario, *José Luiz de Freitas Ribeiro*.

## ESPINHO

A 6.ª filial da *União*, projecta para a ultima quinzena do proximo mez de Setembro, um concurso de tiro acompanhado de grandiosas festas as quaes durarão 3 dias. A realizar-se este importante certamen, é possível que a Espinho vão as diversas filias da *União* e os seus presidentes, dr. Cunha Bellem e Anselmo de Sousa.

Consta-nos tambem que S. Ex.ª o general Lencastre de Menezes, honrará estes actos com a sua presença.

## CHAVES

Realisa-se ainda este mez, um torneio de tiro n'esta localidade promovido pelo *Grupo Flavia* 9.ª filial da *União*.

## BRAGANÇA

Fechou a carreira de tiro de Bragança, por falta de frequencia de atiradores civis.

Isto dois ou tres dias depois, do director da carreira ter apresentado o programma para a realização de um grandioso concurso de tiro, prova evidente de que contava com elementos de sobra, o que em tão curto espaço de tempo lhe falharam. Que se passaria?

Indagaremos e opportunamente trataremos do assumpto.

## MAFRA

A 19, realisa-se em Mafra, na Escola pratica d'infanteria, o concurso annual de tiro, e em 20 a distribuição de prémios. A *União* que foi convidada a assistir, ás provas finais, offerece um prémio d'arte aos srs. officiaes, e prémios pecuniarios para praças de pret.

Em seguida damos o programma dos exercicios:

*Programma dos trabalhos finais do periodo de instrução de 1901-1902 a executar em agosto*

1.º — Experiencias de tiro e fogos de guerra: Dia 2, ás 11 horas da manhã, resolução de 3 problemas de tiro indirecto. De tarde, experiencias feitas na carreira empregando ás alças calculadas. Tiro de noite.

Dia 4, experiencia sobre a vulnerabilidade da artilheria em formação de combate.

Dia 5, experiencia sobre a vulnerabilidade de um esquadrão de cavallaria em columna de pelotões e em columna por tres.

Dias 6 a 11, 1.º, 2.º, 3.º, 4.º, 5.º, exercicio dos fogos de guerra.

Dia 16, conferencia sobre os resultados das experiencias de tiro e fogos de guerra.

2.º — Concursos e exercicios finais:

Dia 18, de manhã. 1.ª parte do concurso de gymnastica. Provas finais de esgrima.

De tarde. 2.ª parte do concurso de gymnastica. Provas finais de velocipedia.

Dia 19, de manhã. Concurso de tiro. De tarde. Tiro colectivo de combate.

Dia 20, de manhã. Provas finais de tactica abstracta.

De tarde. Distribuição de premios. Quartel em Mafra, 31 de julho de 1902.

O COMMANDANTE

(a) *Francisco Rodrigues da Silva*.

Coronel

## TORNEIO DE TIRO

Nos ultimos domingos, tem-se realizado na carreira de tiro de Lisboa, torneios promovidos, por socios da *União*, livres a todos os atiradores, e que tem sido disputados com bastante interesse. Os atiradores mais classificados n'estes torneios foram os srs. A. Leuzinger, Pedro de Vasconcellos e Emilio Kesseling. Os torneios tem dado o bello resultado, de funcionar a carreira, em geral, muito pouco frequentada n'esta epocha.

## União dos Atiradores Civis Portuguezes

Parte official

### Balancetes mensaes

	JULHO	
Receita:		
Saldo de junho.....		88\$571
Beneficio de 1901-1902: Cobrança de bilhetes....	107\$600	
Donativo de S. M. El-Rei.....	50\$000	
Idem do sr. Manuel José Monteiro..	5\$000	162\$600
Quarta filial: s/ pagamento..		\$600
Receita eventual: Donativos recebidos n'estezes.....	202\$200	
Quotas: s/ cobrança.....	33\$600	
Distinctivos: Idem.....	\$600	
Credores geraes: Empréstimo de Eduardo de Noronha.....	110\$000	509\$600
		<b>598\$171</b>

Despeza:		
Fornecedores: n/ pagamento	528\$320	
Bonus de tiro: idem.....	\$600	
Despezas de representação:		
Importancia paga.....	12\$500	
Distinctivos: idem, a um socio que se demittiu.....	1\$200	
Despezas de propaganda: importancia paga.....	14\$820	
O <i>Tiro Civil</i> : 50 assignanturas por 3 mezes.....	15\$000	
Expediente: importancia paga.....	7\$360	
Gastos geraes: idem, por despezas miudas durante o mez.....	14\$915	593\$815
Saldo para agosto.....		4\$356
		<b>598\$171</b>

Lisboa, 31 de julho de 1902.

O THEZOUREIRO INTERINO  
*Eduardo de Noronha*

## A instrução de tiro no Real Collegio Militar 1

Devido á penna do illustre escriptor militar Pacheco Simões, publica o ultimo numero da *Revista Militar* um brilhante artigo, no qual o distincto official do exercito prestando inteira justiça, á propaganda da patriótica *União*, expõe os resultados obtidos, com a instrução de tiro, novamente estabelecida no Real Collegio Militar. Não podemos resistir ao desejo de honrar as nossas columnas com a transcripção do primoroso artigo:

Dissemos que a instueção de tiro, suspensa no Collegio durante dois annos, de 1899 e 1900, devido á falta de tempo resultante do maior desenvolvimento dados a outros ramos de ensino pratico, e á creação de alguns novos, recomendará no anno lectivo de 1900-1901, logo que se reconheceu a conveniencia de proferir o tiro ao alvo a algumas outras instruçõs, como por exemplo a de artilheria, arma em que os alumnos se não podem alistar ao sahir do Collegio, e a topographia pratica, aliás muito util, como aquella tambem, mas que os alumnos tem occasião de estudar mais tarde e praticar com todo o desenvolvimento quer na Escola do Exerccio quer em qualquer das Escolas praticas.

Independentemente das razões que determinaram aquella preferencia e que derivaram das manifestas vantagens que o exercicio do tiro deveria proporcionar aos alumnos, vantagens que adeante exporemos, mal parecia tambem, hoje que mercê dos esforços da benemerita *União dos atiradores civis*, se está proporcionando o ensino e a pratica do tiro ao alvo aos alumnos de diferentes collegios e escolas de Lisboa, que o Collegio Militar fizesse excepção á regra e puzesse de parte uma instrução incontestavelmente mais necessaria e mais util para os seus alumnos, que na sua quasi totalidade se destinam á carreira das armas, do que para os dos collegios e escolas civis, e que demais, como anteriormente mostrámos, já n'elle attingira um relativo desenvolvimento, sobretudo no periodo de 1894 a 98, e alli fóra iniciada, como aliás era natural dado o caracter militar do estabelecimento antes e muito antes de ser ministrada aos estudantes dos institutos civis, na carreira de Pedrões.

Atendendo á manifesta difficuldade de, sem prejuizo dos restantes ramos da educação physica, continuar o systema seguido no periodo de 1894 a 98, facil então quando os alumnos dos ultimos annos, frequentando ainda o antigo curso de instrução secundaria, apenas tinham duas ou tres aulas por dia, o que lhes deixava livre grande parte d'este, e pelo contrario difficilmente exequivel agora que diariamente frequentam cinco aulas e todo o tempo é pouco para consagrar ao estudo das numerosas disciplinas que cada classe comprehende, tornou-se necessario restringir a instrução de tiro ao que fosse possivel realizar dentro dos recursos proprios do Collegio e portanto da respectiva carreira.

Dizendo *restringir a instrução* não queremos por fórma alguma exprimir que, em relação ao que se praticava no periodo a que temos alludido de 1894 a 98, ella ficasse agora deficiente, apoucada e como que sendo um reflexo apenas do que fóra n'aquelle tempo, porquanto a verdadeira e principal missão das escolas e collegios não é a nosso ver, a de formar dos seus

1 Continuado de pag. 420.

alunos atiradores para a guerra, quando, como no Collegio Militar, foram apenas creanças de 10 a 18 annos o maximo entre as quaes em regra unicamente algumas do ultimo ou ultimos annos do curso se encontram com a robustez e desenvolvimento bastante para manejar as armas distribuidas ao exercito <sup>1</sup> e executar o tiro com o cartucho de guerra.

A missão das escolas que incluem o tiro na educação physica dos seus alumnos, é antes de tudo, crear e desenvolver entre elles o gosto, o enthusiasmo pelo tiro ao alvo, adestrando-os e preparando-os para mais tarde quando encorporados no exercito ou seguindo qualquer profissão civil, mas tendo já idade e robustez bastante e alem d'isso o conhecimento do valor da pratica do tiro sob o ponto de vista dos interesses e exigencias da defeza da patria, se tornassem promptamente e facilmente bons atiradores com a sua arma de guerra, pelo conhecimento já adquirido do manejo de armas de fogo e da pratica do seu tiro, das posições do atirador, pelo habito de apontar e de corrigir as pontarias, pela noção do valor do emprego da alça, em summa por toda a instrução preliminar e por todas as noções theoricas e praticas, embora elementares, sobre tiro anteriormente obtidas.

E' perfeitamente este o ponto de vista sob que, pelo menos actualmente, tem sido encarada tal instrução no Collegio.

E' evidente que este modo de vêr não envolve, por fôrma alguma, a idéa da condemnação da frequencia das carreiras militares e da pratica do tiro de guerra pelos alumnos de quaesquer escolas, e portanto do que nos ultimos annos se tem praticado em Pedrouços; o que queremos, porém, accentuar é que, mesmo fóra da frequencia d'aquellas carreiras, se pôde fazer trabalho util em materia de tiro escolar, e que, sobretudo tratando-se de menores de 16 a 18 annos, está para elles naturalmente indicado o tiro reduzido, como preparatorio para o tiro real e como meio que, satisfazendo a todas as vantagens que atraz indicámos, pôde facilmente e muito economicamente ser utilisado dentro dos proprios collegios e escolas, logo que se disponha de um recinto com pouco mais de 50 metros de extensão.

Mais adiante teremos occasião de desenvolver este ponto, porquanto o tiro reduzido tem dado origem a larga discussão no estrangeiro, principalmente em França, e se tem adversarios decididos tem tambem partidarios convictos; uns e outros tem posto bem evidencia todas as suas vantagens e deficiencias, e indicado todos os meios de o tornar realmente um exercicio util e agradável; não será difficil, pois, apreciar com taes elementos o seu justo valor.

Pretendendo mostrar os fins e vantagens da instrução de tiro no Collegio Militar, deixámos já indicado o fim principal que com ella se pretende atingir: — *crear o gosto pelo tiro ao alvo e tornar o tiro escolar uma preparação efficaz para o tiro de guerra, para o tiro real.*

Antes de descrevermos os meios empregados para alcançar esse resultado, notaremos outras vantagens, que, embora em menor grau ou menos salientemente, resultam da referida instrução.

A pratica do tiro ao alvo, qualquer que seja a arma empregada, desde o momento em que esta disponha de um apparelho de pontaria, constitue um excellente exercicio para a vista, cujo grau de acuidade consegue apurar e augmentar logo que elle se realice com frequencia, ainda que não com grande demora e excessiva applicação por cada vez. No collegio, a instrução dá-se actualmente durante tres annos e os alumnos tem no periodo final, isto é desde maio a principios de julho, dos dois ultimos annos, tres ou quatro sessões por semana, com duração de uma hora a hora e meia, espaço de tempo em que effectuam, de ordinario, 10 a 20 tiros cada um.

(1) A arma distribuida a 140 dos alumnos mais idosos e robustos do Collegio é a carabina de 8<sup>mm</sup> (K) m/86-91, de todos os modelos d'este calibre e systema adoptados no exercito, o mais leve, pois essa carabina é ainda excessivamente pesada para a grande maioria d'elles, e difficilmente manejavel nos exercicios de fogo, pois lhes falta força para abrir e fechar promptamente as culatras com os cartuchos ou involucros nas camaras, para fazer funcionar o mechanismo de segurança, para a manter apontada no fogo de pé, etc. . . Isto com o cartucho de bala simulada; o que succederia com o emprego do cartucho de guerra? E' claro que existem excepções e alumnos ha — mas em pequeno numero — capazes de manejar a propria espingarda K.

Aos restantes 100 alumnos, estão ainda distribuidas umas pequenas carabinas Snider de dois typos, um maior e outro menor.

Tratando-se de creanças e que na sua quasi totalidade se destinam ao exercito ou á armada, o facto que apontamos tem realmente importancia, embora evidentemente elle se não possa manifestar de um modo bem sensivel em todos os alumnos, e não é para desprezar n'um estabelecimento de educação da indole do Collegio Militar.

Outra vantagem de caracter physiologico, se assim podemos dizer, que resulta da pratica do tiro é que sendo um exercicio que demanda essencialmente serenidade e sangue frio, possui o apreciavel effeito de exercer como que uma acção moderadora sobre os individuos de temperamento nervoso, modificando-lhes — embora em limites restrictos — o excesso de sensibilidade e exercitando-os e habituando-os a reagir e a dominar a sua extrema irritabilidade nervosa.

Dir-se-ha que tal effeito só pôde manifestar-se de modo apreciavel com uma longa e aturada pratica do tiro, mas é certo tambem que no Collegio os alumnos tem hoje, como já dissémos, tres annos para se exercitarem e que só no anno lectivo que agora finda cada um dos da 7.<sup>a</sup> classe disparou cerca de 400 tiros, dos quaes perto de 200 com carabina Kropatschek e os restantes com revolver, bêsta suissa e carabina de pressão d'ar, não se tendo aliás completado, por falta de tempo e de installações proprias, o programma de tiro, restando executar este sobre alvos, moveis e de eclipse, o que a ter-se realizado elevaria ainda aquelle numero.

Resta ainda notar que o tiro constitue hoje um verdadeiro ramo de *sport* e como tal tem tambem de ser encarado no Collegio Militar e considerado na educação physica dos alumnos.

Não só pois como elemento instructivo, mas ainda como elemento recreativo, elle faz parte da educação escolar e assim tem sido tomado pelos alumnos, não havendo um unico, d'entre os 61 que nos dois ultimos annos tem recebido instrução, que não revelasse por ella a melhor vontade e não manifestasse interesse pela frequencia da carreira e pratica do tiro ao alvo, em especial pelo das armas de fogo.

E o que succedeu com os 61 apontados, occorreu sem duvida tambem nos periodos anteriores, pois o tiro é naturalmente um exercicio que desperta gosto e interesse, sobretudo a homens novos, e é susceptivel de provocar enthusiasmo e constituir uma paixão até para quem alguma vez se compenetrou de que não era desprovido de aptidão como atirador. . . e na verdade, entre os alumnos, essa aptidão revelou-se por fôrma bem evidente e em larga escala, como teremos occasião de provar quando publicarmos os resultados do tiro no anno lectivo que agora finda.

Eis em resumo os fins e vantagens da instrução de tiro no Real Collegio Militar.

(Continúa).

PACHECO SIMÕES.

Cap. d'inf.

## ARTES & LETRAS

### Os papeis de meu pae

(Continuado do n.º 240)

IV

MOVIMENTO LIBERAL

(1828)

«No dia 19 de maio de 1828 fui ao quartel da provincia da Extremadura apresentar a minha guia para me reunir ao batalhão, em consequencia de ser fechada a aula de physica.

Fui encarregado pelo Bernardo de Sá Nogueira de levar umas cartas ao José Eloy, e a João Nepomuceno, afim de se effectuar a revolução em Santarem, não obstante a ter. já havido no Porto no dia 16 d'este mez.

Era o dia 20 o destinado para a marcha mas o mau tempo não permittiu que eu embarcasse.

Marchei no dia 21, á 1 hora da tarde, no barco da carreira para Vallada. N'essa occasião eram chamados ao quartel general todos os officiaes desligados para os fazer marchar para as suas terras.

Cheguei a Vallada ás 8 e um quarto, tendo tido mais alguma demora por falta

d'agua. Aluguei dois machos de retorno para Santarem por 3\$200 réis até Thomar. Marchei logo chegando a Santarem ás 11 da noute. Fiquei n'uma estalagem na Ribeira.

No dia 22, assim que me levantei, fui procurar o José Eloy que estava doente com sesões; deu-me um bilhete, e fui falar com o João Nepomuceno. Estava tudo muito verde. N'aquella noite tinha José Benedicto recebido o convite da Junta do Porto. Não accitou, e marchou á 1 da noute para as Caldas.

O padre capellão do meu batalhão tinha ido a Santarem e nada tinha conseguido, retirava já. Não obstante, João Nepomuceno estava resolvido e prometteu arranjar tudo.

Marchei ás 7 e meia para a Collegã, onde cheguei ao meio dia. A' 1 menos um quarto sahi da Collegã, em outras cavalgadas por transacção do moço.

Seria uma legua distante de Thomar encontrei o alferes de guias Farinha, homem para mim desconhecido, que me deu a noticia da fuga do meu batalhão na direcção de Coimbra. Cheguei a Thomar ás 5 e meia; fui logo ao juiz de fóra. Apresentando-lhe a minha guia e dizendo-lhe que me queria reunir ao meu batalhão e que portanto precisava de uma besta embargada; aconselhou-me que seria melhor aluga-la, como tinham feito os outros officiaes do batalhão, para não fazer barulho.

Fui muito obsequiado por todos aquelles individuos para quem trazia cartas de recommendação, de maneira que me mandaram logo alugar uma cavalgadura e mendei em casa do Rodrigo Jacomo.

Marchei ás 8 da noute deixando a minha bagagem, e levando apenas a mala e as bolsas. Cheguei á meia noite a Prenha, onde dormi tres horas.

No dia 23, ás 4 horas da madrugada, parti. Perdi-me no caminho, apesar do homem que me acompanhava ser pratico.

Cheguei ás 8 horas ao Bairro d'Acian, onde me disseram ter havido barulho em Coimbra.

No Baçal deram-me a noticia do batalhão ter ficado no Espinhal, e que ia marchar para Coimbra.

Marchei para Coimbra; não me dando ninguem noticia do batalhão estava bastante afflicto, quando proximo já de Coimbra ouvi um toque de corneta. Era o batalhão; apressei-me, fui ao seu encontro apresentando-me ao major, e acompanhei-o até á cidade, onde me deram bofetão, para a calçada, em casa do Carneiro. (Não bom).

Durante este dia de jornada choveu sempre de modo que cheguei encharcado e sem a minha bagagem, que deixara em casa do Rodrigo Jacomo.

No dia 24, depois de estar em Coimbra, chegou o batalhão de caçadores 10 pelas 10 horas da manhã.

Tomei n'este mesmo dia o commando da 2.<sup>a</sup> companhia.

Pelas 11 horas da noute, de 24, chegaram alguns soldados de artilheria 4 commandados pelo capitão Paulo J. da Silva, que tinham ido levar polvora a Lisboa. Deram noticia de terem encontrado na Redinha o vice-reitor da universidade, e que os soldados de cavallaria 7 lhe haviam agarrado 4 dos da escolta.

No dia 25 correu noticia da chegada breve de caçadores 7 e 9, e esperava-se n'esse dia o regimento 6.

No dia 27 chegavam os batalhões 7 e 9. Fui esperar meu tio.

N'este mesmo dia fui nomeado major de brigada com o coronel Pereira.

No dia 29 chegou o brigadeiro Saraiva

com o regimento de infantaria 10 e cavallaria 10.

Tomou o commando o Saraiva, e fui nomeado ajudante do estado maior.

No dia 2 de junho marchou a brigada para Condeixa sendo logo occupada por caçadores 2 e 7, Alcubique por infantaria 10, e Casal Novo por caçadores 10.

No dia 4 marchámos sobre a Redinha, com o destino de alcançarmos os rebeldes; porém, chegando o amanhecer do dia 5 retirámos para Coimbra.

No dia 10 chegaram os batalhões 3 e 6 de caçadores, e 3 e 9 de infantaria.

Occupou-se Sernache com a brigada ligeira S. Martinho e P. de le com infantaria 3 e 9, caçadores 3, etc.

No dia 24, fomos atacados, estando a brigada ligeira na Venda do Cego. Retirámos para a Cruz de Maroiços, onde sustentámos as nossas posições repellindo os inimigos.

No dia 25 estivemos á vista, em posições, e na noute de 25 para 26 retirava tudo sobre Coimbra por decisão da Junta. Essa manhã retirámos sobre a estrada do Porto, chegando pelas 3 da tarde á Mealhada, onde acampámos. Ao anoutecer marchámos. Chegámos ás 6 da manhã de 27 a Agueda.

A brigada ligeira ficou aquem da ponte, e o resto da divisão á rectaguarda da villa, em um pinhal. O estado maior tomou boletim. Eu fui para a rua Direita. Mandei vir a minha bagagem que chegou á noute.

Tendo-se dado ordem para marcharmos á meia noute, em consequencia da noticia da chegada ao Porto dos generaes conde de Villa Flôr, Palmella, Saldanha e outros, transferiu-se a ordem da marcha para as 3 da noute.

Não começou, porém, esta antes das 4 para as 5 da madrugada de 28.

Tinha-se decidido que uma força de 400 homens de infantaria e 40 cavallos fossem a Almeida afim de fazerem com que infantaria 15 se reunisse á divisão. Foram destinados caçadores 2 e 3, 200 homens de infantaria n.º 3, commandando a força o Schwaibach. Em consequencia, porém, da chegada dos generaes não teve effeito se-lhante commissão.

No dia 28 marchou a divisão em boa ordem. A meia legoa do Vouga, encontrámos o conde da Taipa. Seguimos a marcha e logo que tomámos posições sobre o Vouga, pelas 7 horas, ficando a brigada ligeira sobre a ilhota entre o Vouga e o Paul, e o resto da divisão á rectaguarda—a 1.ª brigada á direita, a 2.ª junto ao convento no centro, e a brigada de milicias á esquerda, de observação, e a cavallaria em Albergaria—rompeu o fogo, no principio com violencia. Porém, em breve, os rebeldes affrouxaram-no, e teriam sido completamente batidos se fossem perseguidos. A sua força reconheceu-se que era pequena ali. Constava só de infantaria 16, caçadores 8, e de guerrilhas. Depois, porém, de se ter decidido á tarde que os carregassemos—para o que se tinham já posto em movimento, alguns corpos e cavallaria—veio contra ordem, e assim perdemos uma occasião tão favoravel de os tornar a levar além de Coimbra.

No dia 29, depois de chegar a divisão, e de eu ter ido dar o terreno ás brigadas, fui para uma estalagem—á direita, indo para o Porto—onde fiquei com o Aguiar, que estava em Grijó.

No dia 30, ao amanhecer, fui com João Carlos reconhecer os nossos postos e fazer n'elles algumas alterações.

Em consequencia do meu cavallo ter apanhado um aguamento, e ter sido por

esse motivo sangrado, tive de ir ao Porto mudar de cavallo. Pedi licença ao Saldanha, que m'a deu, e ás 11 da manhã marchei para ali.

Encontrei, aos Carvalhos, o conde de Villa Flôr e o marquez de Palmella, que iam tomar o commando do exercito, e o Villas Boas que vinha á procura de Bernardo de Sá, o qual estava para o Porto.

No Porto fui para a estalagem da rua da Berquinha (?), e d'ali a casa do coronel Pereira, e pedir ao Castello Branco de guardar em sua casa a minha bagagem

Não pude mudar de cavallo, pois o outro estava todo ferido da má albarda que trazia, e ás 9 horas marchei para o exercito.

Achava-se então o exercito nas alturas de Santo Ovidio: a 1.ª brigada sobre a estrada de Ovar, a 2.ª — a ligeira — sobre a estrada real; milicias e um destacamento da 2.ª brigada sobre a estrada de Arouca; cavallaria em Villa Nova; e artilheria em Santo Ovidio, assim como infantaria 18 que no dia 30 se tinha reunido á divisão.

Miguel Augusto com 100 homens.—Infantaria 18 e 2 peças d'artilheria—que deviam proteger o exercito em caso de retirada, retirou logo que o exercito tomou posições em Grijó.

Tinha o marquez de Palmella tomado o commando do exercito, e o conde de Villa Flôr e o Saldanha, os seus, na divisão.

No dia 1 de julho andei reconhecendo as posições levantando a olho o terreno occupado pela nossa linha e regressando á noute com o Rodrigo Pizarro para o Porto.

No dia 2, ás 2 horas da manhã, fui chamado pelo general Saldanha afim de ir com 20 cavallos fazer um reconhecimento sobre a estrada d'Arouca até á altura de Grijó, emquanto elle iria com um corpo forte sobre a estrada real. A's 4 horas marchou-se, indo o general com infantaria 18, caçadores 13 e cavallaria 11; e eu com 20 cavallos commandados pelo tenente Pessoa de cavallaria 10, e o alferes Marrecos. Fomos sobre a esquerda. Chegámos até Sandim, onde o cura e alguns paizanos nos receberam como miguelistas. Eu fazendo apaar os soldados e que lhes dessem brôa e vinho, tirei as noticias de que precisava, e afinal formando o piquete, dei vivas á Carta e a D. Pedro, retirando para Santo Ovidio, onde cheguei ao meio dia.

Ao anoutecer d'esse dia 2 fui chamar os commandantes dos corpos afim de se reunirem em conselho militar, em que foi proposto que se devia retirar sobre o Porto, e d'ali para Galliza. Os commandantes dos corpos disseram, porém, que não, e que se queriam bater. Os governadores e generaes ausentaram-se e embarcaram.

Os commandantes dos corpos, depois decidiram tambem que se devia retirar, e mandaram a bordo uma deputação composta do brigadeiro Saraiva Camello Xavier, coronel Torres, que ficaram egualmente a bordo; e os corpos, pelas 2 horas da noute do dia 3 de julho, retiravam todos sobre o Porto.

Eu, primeiramente, tinha ido ao Porto falar com o Stubs para elle tomar o commando do exercito, mas não me foi possivel encontra-lo. Quando voltei, ao amanhecer, vinha já a divisão em marcha; passou a ponte, a cujo levantar fôra eu encarregado de assistir.

E' impossivel descrever aqui o estado de miseria, de desordem e de terror em que vi o Porto. Officiaes: uns, escondendo-se; outros, fugindo: outros, espavoridos; soldados debandados; familias emigrando.

Afinal, ás 8 horas da manhã, puzemo-

nos em marcha para Santo Thyrsó; porém, em que ordem!

Chegámos ás 6 da tarde a Santo Thyrsó, d'onde fugiu o batalhão de caçadores 6 e muitas praças de diferentes corpos — o que já tinha começado no Porto.

A divisão foi toda ao convento—onde havia immensa quantidade de bacalhão cozido, vinho e brôa; e milho para os cavallos—e logo d'ahi para o campo, alem da ponte.

(Continúa)

E. MONTUFAR BARREIROS.

## MUSICA

### Sociedade de Concertos e Escola de Musica

Fundada em 1 de Julho de 1902

Em seguida publicamos a carta que o director d'esta revista na qualidade de presidente da direcção da S. C. E. M. dirigiu a todos os nossos collegas da capital.

Os fins a que visa a nova sociedade são de molde a captar as attentões e o apoio de quantos teem como nós amor a esta bella e infeliz patria portugueza onde o grande numero se occupa e se esfalfa em amesquinhar o que é nacional para só elevar o que nos vem do estrangeiro. Segue a carta:

*Collega e Senhor.*

Afim de evitar equivocos que d'esde já se possam levantar, permitta-me V. Ex.ª que com toda a simplicidade, illucide, por esta fórma, todos os nossos collegas da imprensa da capital, de qual o unico fim para que se constituiu a nova *Sociedade de Concertos e Escola de Musica* a que tenho a subida honra de presidir, acompanhado por alguns dos nossos primeiros artistas e por outros elementos de reconhecido valor e actividade com que espero cumprir o programma que passo a expôr a V. Ex.ª

Não é meramente especulativo em proveito proprio da sociedade, o fim a que nos propomos, e não o é por isso que, na exploração das aulas, os professores teem um modesto salario fixo, mas percebem em partes eguaes com o cofre associativo, o rendimento das suas aulas logo que elle vá além d'esse salario. Não o é tambem na exploração dos concertos por isso que, pagas as despesas de cada concerto e retirada uma pequena percentagem para o cofre associativo o resto é por igual dividido por todos os executantes da orchestra.

O fim principal é a protecção á arte e aos artistas nacionaes. A arte, fazendo executar em todos os concertos composições de autores portuguezes que hoje o não logram fazer e, creando um ou dois premios annuaes, com recursos do cofre ou angariando donativos para isso, e conferidos estes premios ao auctor, ou auctores, de composições musicaes que um jury, edoneo pela competencia e seriedade, classificar de melhores.

Creamos tambem um fundo de reserva, por deducções nos ordenados e nos lucros que todos recebam e por outros meios que se possam obter, para valer a todos os professores e executantes da orchestra que por qualquer accidente da vida se achem collocados em circumstancias dificeis.

Estes e outros assumptos que o tempo nos permitta e que em nossas forças caibam, são os fins a que visa esta nova agremiação, não esquecendo o impreterivel dever de salvaguardar os interesses dos artistas portuguezes, nossos agremiados ou não, contra a constante invasão de artistas estrangeiros, que nos veem explorar sem encargos de especie alguma para o thesouro ou para o Estado.

Permitta-nos pois V. Ex.ª que expostos por fórma tão singela quaes as nossas intenções, esperemos todo o apoio que o jornal que V. Ex.ª tão superiormente dirige, nos possa conceder. Com a maior consideração sou

De V. Ex.ª Muito Att.º Ven. e Collega.

*Anselmo de Sousa*

## THEORIAS NAS CASERNAS

### Educação militar do soldado

EM PUBLICAÇÃO

## EDUCAÇÃO PHYSICA

### Efeitos do exercicio

I

#### SYSTEMA MUSCULAR

Começamos hoje o estudo sucinto dos efeitos da gymnastica sobre os differentes systemas da economia.

A falta de exercicio enfraquece os musculos, torna-os pallidos e contribue para atrophial-os, destruindo-lhes uma das duas principaes propriedades, a contractilidade. Com o uso de exercicio, ao contrario, a fibra muscular enrije, cora e augmenta de volume, ao mesmo tempo que conserva todas as characteristics physiologicas.

Tomando-se a medida exacta do perimetro do braço, á altura do meio do bicipite proximaente, e entregando-se o individuo em seguida á pratica d'um exercicio cinesico, por exemplo, a esgrima, pelo espaço de meia hora, observa-se que, terminado o trabalho muscular, é necessaria uma medida muito maior para circunscrever o braço á mesma altura. Ora este augmento temporario de volume, que mais palpavelmente se nos mostra n'um dos grandes musculos, mas que a todos se generalisa, se todos trabalharem, torna-se permanente com a continuação. Prova-o bem o caso, já por nós citado, na «Contribuição ao estudo da antropometria» — e transcripto em passado numero do Tiro Civil, d'um alumno do Asylo officinas de S. José, que, em menos de um anno e pela pratica racional da cinesia, apresentava um augmento de dois centimetros, no perimetro do braço á altura do meio do bicipite.

Cada contracção muscular, determina a expulsão do sangue venoso e o affluxo de sangue arterial; ora como as contracções repetidas, ipso facto activam a circulação capilar, ou dos pequenos vasos sanguineos, o que traz como consequencia uma maior nutrição para os musculos, e como, por outro lado e em virtude d'uma lei physiologica (lei de Ling) a nutrição ou o desenvolvimento d'uma parte qualquer do corpo, é proporcional aos seus movimentos activos, segue-se que o exercicio forçosamente deverá desenvolver o systema muscular.

Quando um musculo está carregado com um peso, dois factores actuam em sentido contrario.

Debaixo da influencia da excitação a que é submettido, o musculo encurta-se; em virtude da tracção que sobre elle exerce o peso (alongamento inicial) e porque durante a contracção, augmentando a extensibilidade, soffre um pequeno augmento de comprimento (alongamento consecutivo) que vem juntar-se ao inicial, o musculo alonga-se.

Uma massa muscular em contracção gasta mais oxigenio e desenvolve mais anhydrido carbonico, do que no estado de repouso; d'onde deriva a pobreza em oxigenio, do sangue que d'elle deriva. Por outro lado vae perdendo a alcalinidade até apresentar reacção acida, em consequencia da formação de acido carbonico e lactico ou sarcolactico.

Póde experimentalmente desfadigar-se um musculo, fazendo-o atravessar por sangue ricamente oxigenado.

Por estas breves noções de physiologia se vê que o exercicio, não só faz augmentar o volume dos musculos, activando-lhes a nutrição, como tambem, por esse acrescimo de volume e de energia, se favore-

ce o exercicio dos restantes apparatus da economia, entre elles e de uma forma preponderante, o respiratorio e circulatorio, apparatus base das trocas organicas.

**Ardisson Ferreira.**

Medico Inspector do Real Gymnasio

## AUTO VELOCIPEDIA

### ECHOS DA QUINZENA

#### AS CORRIDAS EM VIANNA DO CASTELLO

Termina amanhã o prazo para a inscrição das corridas que no proximo dia 20 devem ter logar no esplendido velodromo de Vianna do Castello. Como previramos o campeonato de Portugal, que faz parte do programma, será disputado pelos nossos melhores corredores. Ha, com effeito, na inscrição, algumas lacunas e a maior é, sem duvida a ausencia de José Bento Pessoa. Temos, porem, a doce consolidação de que a ausencia do notavel *sprinter* portuguez não é devida a motivos de ordem sportiva, mas unicamente a cousas que dizem respeito á sua vida commercial que lhe tira todo o tempo para se treinar e preparar convenientemente, como o exige a importancia de uma corrida do valor do Campeonato de Portugal.

Mas nem por isso deixamos de lamentar a ausencia de José Bento, nas corridas do dia 20, pois que havia de ser do mais alto interesse, a lucta entre elle e o seu irreductivel adversario, o tambem notavel corredor José Maria Dionysio. A disputa do titulo de Campeão de Portugal, entre os dois *sympothicos cracks* devia ser esplendida.

Mas emfim, se falta José Bento, lá temos outros elementos que não deixarão de dar ás corridas a importancia e o valor que ellas hão de ter a despeito de tudo quanto por ahi se tem dito e se tem feito para as contrariar e a que nos não queremos referir, pela nossa especial situação e pelo caracter d'esta revista.

Quanto ao programma das corridas de 20, é como esperávamos e como se pode ver pela seguinte nota verdadeiramente completa.

1.<sup>a</sup> Districtal, para juniors amadores, 4 voltas; 2.<sup>a</sup>, Nacional, para seniors amadores, 8 voltas; 3.<sup>a</sup>, Campeonato do Sport-Club Viannense, 6 voltas; 4.<sup>a</sup>, Campeonato de Portugal, para profissionais e amadores, 10 voltas; 5.<sup>a</sup>, reservada aos socios dos clubs viannenses de sport, 4 voltas; 6.<sup>a</sup>, internacional, para profissionais e amadores, 8 voltas; 7.<sup>a</sup> Nacional, para juniors, 2 voltas.

Os premios são ricos objectos d'arte, excepto para o campeonato de Portugal e para o campeonato do S. C. V.

Para o primeiro campeonato ha tres premios pecuniarios: 100\$000 réis, 40\$000 e 25\$000 cabendo mais ao primeiro classificado: medalha de vermeil e diploma de campeão de Portugal, conferidos pela U. V. P. e sancionado pela U. C. I. para o campeonato, de S. C. V., o premio consta de medalha de prata e diplomas conferidos pela U. V. P.

N'este programma ha, pois logar para amadores e para profissionais, para juniors e para seniors. Corridas essencialmente abertas, o seu programma comporta numeros destinados aos corredores locais, aos de todo o paiz e até aos do estrangeiro. Ha tres grandes provas: o Campeonato de Portugal em que os *sprinters* nacionaes se poderão medir, para a conquista

do mais glorioso titulo que a U. V. P. e a U. C. I. podem conferir; o Campeonato do Sport Club Vianense proporciona aos corredores locais um titulo que tambem pela primeira vez é conferido e finalmente a corrida *strachet*, internacional põe *aux prises* corredores portuguezes e estrangeiros. Entre estes não sabemos no momento em que escrevermos se algum haverá inscripto em Vianna mas é de crer que sim, visto a proximidade que aquella formosa villa minhota está da Hespanha.

Vê se pois que não foi uma afirmação vã o dizer que o programma das corridas de 20 é inteiramente aberto.

E temos fundada esperança de que os factos hão de provar que a sua execução foi digna e brilhante.

Mario Bruzzone:

O *Tiro Civil* publica hoje o retrato do Mario Bruzzone o eminente secretario-thesoureiro da U. C. I., amigo dedicado da U. V. P. cujo congresso como testemunho de gratidão pelos relevantes servicos que lhe tem prestado, o nomeou seu socio honorario.

Mario Bruzzone é um engenheiro distinctissimo, jornalista e escriptor primoroso e um *sportsman* a quem a velocipedia universal deve os mais assignalados servicos.

Se não fóra apenas a *silhouette* do notavel homem de sciencia que temos de fazer, muito e muito haveríamos de escrever a seu respeito.

Mas o que n'este momento pretendemos é apenas apresentar aos nossos leitores o devotado amigo da U. V. P., e prestar homenagem ao homem eminente com cuja affectuosa estima muito nos honramos.

Eduardo Pinto da Cruz:

Tambem n'este numero o *Tiro* presta homenagem a outra figura distincta do cyclismo, mas esta, do cyclismo nacional. Referimo-nos a Eduardo Pinto da Cruz, delegado da U. V. P. no Pará, e que ora se encontra entre nós.

Pinto da Cruz é um cyclistista distincto e teve mesmo entre os nossos amadores uma aura de gloria. Hoje retirado das pistas nem por isso deixa de consagrar o seu amor e a sua dedicacão a este bello sport.

Provas de 50 kilometros:

Em virtude do sr. Luiz Saude Junior effectuar as suas corridas no proximo dia 17, o nosso querido amigo e zelosissimo delegado da U. V. P. nas Caldas da Rainha, o sr. Angelo Marcellino Garcia, resolveu transferir para 28 do corrente as provas de 50 kilometros que, contando criterio está organisando e que se deviam realizar amanhã.

E bem fez o nosso amigo em propor tal transferencia á direcção da U. V. O nosso paiz é pequeno de mais e o nosso meio cyclistista pequenissimo para que se possam dar com probabilidades d'exitos duas corridas, com intervalo d'horas apenas.

Bem fez procedendo assim, pois que se provou mais uma vez que os fins da União e dos seus delegados são inteiramente conciliadores.

E nem por isso as provas de 50 kilometros do dia 28 deixarão de ser brilhantes e animadas, tanto mais que Augusto Garcia conta já com elementos valiosos de Leiria, Caldas e Lisboa.

Federação automovel internacional:

Os *chateaux* allemães, á testa dos quaes se encontra o principe Hohenlohe-Oeringue, tratam de lançar as bases d'uma federação automovel internacional que, á semelhança da U. C. I. dirija superiormente o automobilismo de todo o mundo sportivo e que viria preencher uma lacuna sensível que hoje existe.

Segundo vemos nos jornaes estrangeiros, a ideia encontrou echo e applauso não só na Alemanha como na França e na Austria, estando numerosas associações automobilistas d'estes paizes dispostas a filiar-se na nova federação.

Dos primeiros actos da F. A. I. será organisar uma grande corrida d'automoveis Berlin-Vienna-Paris e uma exposição d'automovel que se realizará na proxima primavera, em Berlin.

A nova federação ficará definitivamente constituida n'um proximo congresso que se ha de reunir em Eisenach.

E' desnecessario dizer que os jornaes francezes não veem com bons olhos a iniciativa.

Pois se ella vem da Alemanha e o Automovel-Club de França é que tem tido até agora, por assim dizer a hegemonia sobre todas as outras associações automobilistas europeas...

### O circuito d'Ardenes :

A industria franceza trabalha incessantemente para o aperfeiçoamento dos automoveis. Os concursos em que os industriaes se batem em competencia e apresentam as modificações dos motores que a experiencia lhes vae aconselhando, succedem-se uns aos outros.

O ultimo foi o d'Ardenes cujos resultados foram : na categoria das grandes carruagens, 1.º Jarrot, motor Panhard-Lav 2.º Galviel, motor Mors; categoria das carruagens, 1.º Rigolly, motor Golrou Brillicé; 2.º Juders, motor Panhard-Lav; categoria de *voiturettes*, 1.º Corre, motor Corre, 2.º Luza, motor Prunel; categoria de motociclettes, 1.º Demy que fez o percurso, 170 kilometros em 3 h. 0 m. 47 s. em auto-cyclette Clement; 2.º Els Kamp em motocyclette Minerva, 3 h. 26 m. 39 s.

As velocidades alcançadas na categoria das carruagens ligeiras foram espantosas; chegaram a 100 kilometros á hora!

\*

### A corrida Bordeaux-Paris :

Teve o exito mais completo e mais caloroso a corrida Bordeaux-Paris organizada pelo *Auto Velo*, disputada por homens da força de Lesna, Garin, Muller, Pasquier, Lefevre etc.

A lucta entre Garin e Lesna foi, como era de prever extraordinaria. Infelizmente, porem, o azar perseguiu com toda a crueldade Lesna que deu varias quedas conseguindo, chegar em segundo lugar apesar de ferido e ensanguentado.

Pasquier a Georg que tinham as melhores probabilidades de uma boa classificacão, foram tambem victimas de maiores desastres que os obrigaram a abandonar a corrida.

A classificacão final foi a seguinte :

1.º Garin que percorreu os 585 km. em 18 h. 41 m. 20 s. Lesna, em 19 h. 51 m.; 3.º Muller, 21 h. 31 m. 4.º Fourcade, 23 h. 16 m.; 5.º Ellina-mour, 23 h. 45; 6.º Barroy, 27 h. 47 m.; 7.º Lefevre, 24 h. 12; 8.º Maisonneuve, 25 h. 22 m. 9.º Launay, 25 h. 22 m.; 10 Winter, 26 h. 25 m.

Quanto aos premios, houve os seguintes : ao 1.º, 3:000 francos, ao 2.º, 1:000 francos; ao 3.º, 800 francos; ao 4.º, 500 fr; ao 5.º, 250 fr; ao 6.º, 160 fr; aos 7.º, 8.º, 9.º, 100 fr.

E para terminar publicaremos a lista dos vencedores do Bordeaux-Paris com o tempo gasto :

1891 Mills (inglez) 26 h. 34 m. 7 s.  
1892 Stephane (francez) 25 h. 37 m.  
1893 Cottareau (francez) 26 h. 4 m. 52 s.  
1894 Lesna (francez) 25 h. 11 m. 7 s.  
1895 Gergert (austriaco) 24 h. 12 m. 45 s.  
1896 Linton (inglez) 21 h. 17 m. 18 s.  
1897 Rivierre (francez) 20 h. 36 m. 46 s.  
1898 Rivierre (francez) 20 h. 39 m. 1 s.  
1899 (1) Huret (francez) 16 h. 35 m. 47 s.  
1900 Fischer (allemao) 21 h. 57 m. 57 s.  
1901 Lesna (francez) 21 h. 53 m. 40 s.  
1902 1.ª prova Wattelier (francez) 22 h. 43 m.  
1 s. 2.ª prova, Garin 18 h. 41 m. 20 s.

(1) Treinadores automoveis.

\*

### Os campeonatos de França :

Jaquelin continua a afirmar se o grande corredor francez, a mais pura gloria de todos os corredores que aquella grande paiz do sport tem produzido nos ultimos dez annos.

Depois da forma brilhante que revelou em Compenhague e em Roma, affirmou-me o homem de extraordinarios recursos no Campeonato de França que no ultimo domingo foi corrido em Paris, no velodromo do Parc des Princes. De resto a grande prova foi, como é facil de ver, disputada pelos maiores corredores francezes da actualidade e conseguindo Jacquelin bater a todos.

Na serie final foram classificados Jacquelin em 1.º lugar; coube-lhe o premio de 500 francos (1155000 réis, ao cambio do dia) Domain, em 2.º lugar, premio, 200 francos; Louvet, em 3.º lugar, premio 125 francos.

Como se vê os premios concedidos pela U. F. são pouco mais ou menos, do mesmo valor dos da U. V. P.

O campeonato de fundo 100 km. foi ganho por Bouhours que gastou 1 h. 41 m. 26 s. <sup>4</sup>/<sub>5</sub> batendo assim o *record* de Robl que estava em 1 h. 28 m. 18 s.

Jaquelin alem de ganhar o titulo de Campeão de França, velocidade, que elle tanto ambicionava, conseguiu ainda bater o *record* do kilometro, para proficeoas, que pertencia a Lorgeon e que estava em 1 m. 43 s. <sup>2</sup>/<sub>5</sub>.

Jaquelin bateu o *record* por um quinto de segundo.

\*

### As corridas de R. C. V. P.

Com bastante pesar meu não me foi possivel assistir ás corridas que a benemerita direcção do Real Club Velocipedista organisou com o auxilio do seu zeloso delegado em Setubal e que

no dia 3 tiveram logar na Avenida Todi, na formosa cidade sadina.

Em todo o caso sei que as corridas foram disputadas com grande enthusiasmo e coroadas de melhor exito, com o que sinceramente nos congratulamos.

Do esplendido passeio fluvial que precedeu e se seguiu ás corridas falará o digno director d'este Jornal na secção competente.

Quanto ao resultado das corridas foi o seguinte :

1.ª corrida, *Juniors*, 500 metros. — Primeiro premio, medalha de *vermeil*, ganha pelo sr. Arthur Ferreira Rebello que fez o percurso em 53 segundos; segundo, medalha de prata, Raul Empis, em 54 segundos; terceiro, medalha de prata, Salles Macedo, em 54 segundos e meio.

2.ª corrida, *Seniors*, 650 metros — Primeiro premio, objecto d'arte, Ernesto Zenoglio, em 55<sup>1</sup>/<sub>2</sub>; segundo, objecto d'arte, Armando Crespo, em 55<sup>1</sup>/<sub>2</sub> e meio; terceiro, objecto d'arte, Augusto Freitas, em 56<sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

3.ª corrida, 500 metros — *Reservada* para os socios do Gymnasio Setubalense. Esta corrida fez-se em duas séries, ficando vencedores na primeira série os srs. Raul Ricca e Joaquim Ottero, e na segunda Arthur Onnil e João Correia.

Na corrida de desempate ganhou o primeiro premio, medalha de «vermeil», o sr. Raul Ricca em 50<sup>1</sup>/<sub>2</sub>; o segundo, medalha de prata, o sr. Joaquim Ottero, em 51<sup>1</sup>/<sub>2</sub>, e o terceiro, medalha de prata, o sr. Arthur Onnil, em 53<sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

4.ª corrida, de *Honra*, 650 metros — Ganhou o primeiro premio, objecto d'arte, o sr. Ernesto Zenoglio, em 55<sup>1</sup>/<sub>2</sub>; o segundo, objecto d'arte o sr. Armando Crespo, em 55<sup>1</sup>/<sub>2</sub> e meio, e o terceiro, objecto d'arte, o sr. Raul Empis, em 56<sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

5.ª corrida, *bicycles*, 500 metros — O primeiro premio, objecto d'arte, o sr. Armando Crespo, em 3<sup>1</sup>/<sub>2</sub>; o segundo, objecto d'arte, o sr. Ernesto Zenoglio, em 3<sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

6.ª corrida, *Motocyclettas*, 8:000 metros — Premio unico, objecto d'arte, o sr. Carlos Mello, em 20<sup>1</sup>/<sub>2</sub>, 35<sup>1</sup>/<sub>2</sub>.

\*

### O anniversario do C. C. C. :

Foram como esperavamos deslumbrantes as festas commemorativas do primeiro anniversario da fundação do Cyclo-Club Caldense.

O programma d'esta solemnisação que constava de passeio official, concurso de bicyclettes ornamentadas e pic-nic, foi cumprido com o melhor exito, devendo a direcção do C. C. estar orgulhosa do exito de tal festa, como nós estamos satisfeitos por ver duplamente coroados os exforços, a actividade e a dedicacão com que estes nossos amigos dirigem o C. C.

A commemoração principiou pelo passeio official. Cerca das 5 horas da tarde de terça-feira um longo cortejo de mais de 40 bicyclettes, sahio do vasto quartel dos Bombeiros Voluntarios Caldenses, e atravessando algumas ruas da formosa villa dirigiu-se para o balneario das Aguas Santas, em cujo jardim devia ter logar o pic-nic.

Serviu de guia o sr. dr. Alexandre Carneiro o bonissimo e talentoso presidente do C. C. C. seguiram-se as sr.ªs D. Henriqueta, D. Augusta e D. Candida Carneiro, D. Bertha Calixto e depois muitos cyclistas cujos nomes citamos ao acaso : Eduardo Mafra, Jeronymo Ludovice, Arthur Ribeiro, Paulino Montez, Vasco Calixto, Fonseca d'Oliveira, José da Silva Dias, Honorio Rebello, Antonio dos Santos, Santos Junior, Arthur Vasques, Dias Pereira, Paniagua Sanchez, Isac Levy, Amilcar Pinto, Henrique Sotto Mayor, José Maria do Carmo Oliveira, Manuel Carvalho, etc., etc.

Algumas das machinas iam artisticamente ornamentadas, entre as quaes se distinguem as seguintes : a de Fonseca e Oliveira, simulando um barco; a de Santos Junior, imitando uma motocyclette, a de Honorio Rebello, ornamentada a flores e papel de lustro, formando um bello conjunto; a de Arthur Vasques, enteitada a girasoes; a de Vasco Calixto, ornamentada com heras e flores diversas, etc.

Na Agua Santa era o cortejo aguardado por enorme multidão e pela excellente Phylarmonica Caldense, sendo queimadas, á sua chegada muitas duzias de foguetes.

Tirados alguns clichés, pelo nosso bom amigo e distincto photographo o sr. José de Sousa, reuniu o jury composto de 5 senhoras, para conferir os premios ás bicyclettes melhor ornamentadas, cabendo o primeiro premio: linda biscoiteira de christal, offerrecida pela Casa Columbia, de Lisboa, ao sr. Honorio Rebello; o segundo premio, cabeça de cão admiravelmente modelada, offerda da fabrica de louças do sr. José Augusto de Sousa, das Caldas, ao sr. Fonseca Oliveira; o 3.º premio, esplendida jarra ornamental, offerda de Raphael Boddallo Pinheiro, ao sr. Arthur Vasques; o 4.º premio, bello guia-

dor articulado, para bicyclette, offerda da casa Pinto da Silva, de Leiria, a Vasco Calixto.

O *pic-nic* que se seguiu decorreu muitissimo animado, offerrecendo o jardim do balneario, um delicioso aspecto.

Quando as rolhas do champagne, offercido pela direcção do C. C. aos seus socios e convidados começaram a estallar, iniciaram-se tambem os brindes, sendo os primeiros, do sr. dr. Carneiro e Eduardo Mafra, á U. V. P. e ao Grupo Velocipedico Leiriense, que foram respectivamente correspondidos pelo signatario d'esta secção e por Amilcar Pinto. Houve, é claro, muitos outros á imprensa, ao dr. Angel Delgado, á Hespanha, a Portugal, sendo o ultimo á U. C. I.

Era quasi noite quando o cortejo se reorganizou, voltando ás Caldas entre vivas e manifestações festivas.

As 9 horas no salão do Iberia Club houve recita offerrecida ao C. C. C. fazendo-se ahi tambem a entrega dos premios. N'esse acto fizeram uso da palavra os srs. dr. Alexandre Carneiro, Eduardo Mafra, dr. Angel Delgado e C. Calixto. Segundo nos consta a direcção do C. C. prepara ainda para este mez uma excursão á Figueira, em honra do nosso amigo e distincto cyclist a sr. Julio Paramos e um passeio ao Bombarral, em honra do sr. dr. Alvaro Feio.

### Postura sobre velocipedia :

A commissão administrativa municipal approvou n'uma das ultimas sessões e sob proposta do sr. Conde d'Avila, um projecto do postura regulando o exercicio de velocipedia no Terreiro do Paço.

Se tal proposta alcançar, como é natural, a sansão do governo, na Praça do Commercio só se poderá andar em bicyclettes das 5 ás 10 da manhã nos mezes d'abril a outubro e das 7 ás 10 nos mezes de novembro, sendo os transgressores d'esta postura castigados com 28000 reis de multa e apprehensão do velocipede para garantia a multa.

Esta questão dos exercicios velocipedicos tem sido levantada por mais de uma vez na imprensa e nos centros cyclistas. Tem havido, como é natural quem defenda o livre exercicio da bicyclette n'aquella vasta e bella praça, mas tem havido tambem quem o condemne *in limine*.

Por nossa parte entendemos que a nova postura vem preencher uma lacuna que de ha muito se fazia sentir.

Aquelle espectáculo, quasi sempre deprimente para o *sport*, que durante todo o dia, offercia a praça do Commercio não podia continuar: homens e creanças, mulheres e garotos, dos mais variados aspectos e nos trages mais diversos evoluçionavam ali constantemente, entregando-se não a um exercicio salutar e bom, mas a crerrias perigosas e inúteis, pondo, por vezes em risco a segurança dos transeuntes.

Isto não podia continuar, repetimos. O Terreiro do Paço é destinado pela camera ao ensino da bicyclette, é um campo neutro onde todo o velocipedista pode transitar independentemente de certas formalidades que lhe são exigidas fóra d'ahi, mas não é um volodromo.

Ora, porque é um campo de ensino é que nós entendemos que a nova postura municipal se tem a conveniencia de vir preencher uma lacuna, tem tambem o seu lado inconveniente, pois prohibe o exercicio á noite que é quando muita gente está mais disponivel.

Parecia-nos pois que tudo remediaria facultando tambem á noite, durante algumas horas os exercicios velocipedicos.

E' esta a nossa opinião e a nossa unica reclamação sobre a nova postura.

\*

### Grupo Velocipedista de Braga :

Por iniciativa do zeloso delegado da União Velocipedica em Braga, o sr. Antonio de Magalhães Marinho, acaba de se constituir n'aquella cidade uma associação velocipedica com o titulo que encima este echo, e que está tratando de elaborar os seus estatutos e legalisar-se para em seguida se filiar na U. V. P. Entretanto o G. V. B. resolveu effectuar o seu primeiro passeio no proximo dia 20, sendo o percurso Braga — Vianã do Castello.

O fim d'este passeio é, como facilmente se deprehende, assistir ás corridas velocipedicas — Campeonato de Portugal.

A ideia é tudo quanto ha de mais sympathico e louvavel.

Saudando, pois, o G. V. B. pela sua constituição e fazendo votos pela sua prosperidade, enviamos-lhe as nossas mais calorosas felicitações pela idea do seu primeiro passeio.

\*

### Festa cyclista :

Um grupo de socios de Cyclo Club Caldeme, organisou no dia 9 um esplendido passeio á

lagoa d'Obidos e Bom Successo, em honra do distinctissimo advogado e jornalista o sr. D. Angel Delgado e Delgado.

No Bom Successo um dos sitios mais pittorescos e mais bellos dos arredores das Caldas, houve banquete a que presidiu o sr. dr. Alexandre Carneiro, presidente de C. C. que tinha na sua frente o sr. D. Angel Delgado.

A festa decorreu cheia de alegria e enthusiasmo, trocando-se brindes muito cordeaes em que teve o principal quinhão o distincto *sportsman* e illustre caudico a quem a festa era dedicada. Foram tambem muito brindados o C. C. a U. V. P. e seus directores, a U. C. I. etc.)

Era já noite quando terminou o alegre banquete, dirigindo-se todos os convivas em barcos até á Foz do Arelho regressando depois nas bicyclettes, ás Caldas da Rinha trazendo todos a mais agradável impressão d'aquella inolvidavel festa de confraternização e d'alegria.

CARLOS CALLIXTO.

## CAÇA & PESCA

O dia 15 d'agosto

Embora já pesados e destrenados, embora já nas ultimas reservas; sentimos ainda nas veias o calor do fogo sagrado e com os novos, lamentamos, faltar-nos o poder de *Yosué*, para hoje fazer parar o sol na sua marcha, ou enxertar n'este dia outro dia.

Pelos caçadores de lei; isto é, por aquelles que, não tem a pezar-lhe na consciencia o seu pecadilho, a **abertura da caça** tem sido ansiosamente esperada.

A sua aproximação, revelou-se no afan que d'esde o principio do mez se produziu nos estabelecimentos dos espingardeiros, da capital, d'onde mudaram, em grande parte, para casa dos consumidores os bellos *stocks* de espingardas e munições de que precedentemente se haviam fornecido.

Tudo isto, é hoje posto em prova.

A todos os que, por esses montes em fóra se encontram em procura da *descuidosa perdiz*, da *veloz russa* e do *ardiloso coelho*, os nossos parabens sinceros, os nossos bons desejos, de um *dia em cheio*.

E para que tal acontecesse não deixamos de contribuir tambem, com uma parcella do nosso modesto trabalho, para o cumprimento das leis durante a véda.

Não somos vaidosos; mas apraz-nos lembrar, que foi a nossa modesta revista, que iniciou jornalisticamente a campanha em favor do *defezco*.

Dissemos — que não somos vaidosos, assim como affirmamos que não somos li-songeiros; mas sabemos ser justos. E justiça é, prestar preito á collectividade, que seguindo á risca o seu programma inicial, tem sabido affastar durante a sua espinhosa vida associativa todos os obstaculos, difficuldades e mal querenças, que não é raro depararem-se-lhes no escabroso caminho que leva ao seu ideal — um defezo rigoroso pelo cumprimento da lei. —

Sobejamente conhecidos são, os seus esforços n'esta causa de utilidade publica, para que o leitor não adivinhasse já que nos referimos á *Associação Protectora da Caça em tempo defezo*.

Longe vem, todavia, ainda o regosijo que um dia teremos em dizer: que o defezo no paiz, é rigorosamente cumprido.

Quando um mal velho intoxica um organismo, não é possível delibalo-o, sem que o antídoto seja permanente e demoradamente applicado.

A cura carece de tempo n'este caso. E' certo que a influencia associativa tem accentuado de modo incontestavel nas cousas da caça, e, se a ella se deve que a lei sahisse do cahos em que jazia, ás au-

toridades cabe a responsabilidade directa de mais não se ter caminhado.

O curto espaço de que dispomos e o tempo que não sobeja para considerações, não nos permitem a aproximação dos factos occorridos no seio das sociedades de caçadores, no ultimo anno de caça.

O convencimento do pouco valor da nossa penna, tambem nos não anima a traçar esse quadro. Precisava ser colorido por mão d'artista, para que o sol de equaldade que mais uma epocha de caça vem envolver ricos e pobres, insidisse sobre elle espargindo, a flux, a luz do seu effeito.

Se a união produz a força, a ligação e leal camaradagem das *Associações Protectora da Caça* e dos *Caçadores Portuguezes* na tacita comprehensão do mesmo interesse, deve representar, para os caçadores, um enorme beneficio.

Não nos levem á conta de optimismo esta nossa predição. Os factos que bem alto se impõem, nol-a indicam.

Caminhando até aqui, na conquista do mesmo objectivo por meios differentes, conseguiram fazer vigorar as leis esquecidas e incurrir nos espiritos rebeldes, o sentimento de respeito por essas mesmas leis. Agora unidas trilhando a mesma senda, convictas da sua força e da justiça da sua causa; hão-de derrubar a barreira que as impedia de avançar, hão-de tocar a méta das suas aspirações, vencendo a inercia e indolencia das auctoridades que, já por politica, já por incuria, ao abuso tem permitido tomar fóras de lei.

E' nos, portanto, grato vêr que, a campanha por nós iniciada, em 1895, encontrando fervorosos adeptos, entrou n'um periodo que, se não é ainda positivamente o desideratum que buscamos; tem uma orientação que deve levar á conquista do *vellocino de ouro* dos adeptos de Santo Huberto.

Com o local da estreia já não ha preoccupações; qualquer que elle seja tem o caçador a certeza de fazer *o gosto ao dedo*.

Todavia, hoje como nos annos anteriores e como sempre, no regresso da excursão, algumas redes se apresentarão mal providas, alguns cintos fracamente adornados, mas não encha de desanimo a nosso confrades um facto, a que, talvez os nervos não sejam estranhos.

Animo calmo, sangue frio, ao *arrotar* da perdiz e abundancia d'ellas nas subseqentes caçadas, eis os nossos votos.

### A. P. C. T. D.

*Ill.<sup>mo</sup> Ex.<sup>mo</sup> Sr. Director da Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.* A «Associação Protectora da Caça em Tempo Defezco, sociedade constituída por 600 caçadores, aproximadamente, e na sua grande maioria residentes n'esta cidade, tem a honra de chamar a illustrada attenção de V. Ex.<sup>a</sup> sobre um assumpto que interessa a seus associados, sem prejuizo algum para a Companhia que V. Ex.<sup>a</sup> dignamente dirige, trazendo-lhe, antes, positivas vantagens.

A instancias d'esta Associação está hoje nas cidades de Lisboa e Porto, reduzido a 50% o preço das licenças de porte d'arma, medida esta que facilitando o desenvolvimento do gosto venatorio, augmentou extraordinariamente a verba que por aquella proveniencia entrava nos cofres publicos. As industrias da fabricação da polvora e de chumbo tambem sentiram logo os seus effeitos, e só não se reflectiu na Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes, porque é excessivamente oneroso a caçadores viajar nas suas linhas.

Por via de regra a fazer parte integrante da reduzida bagagem do caçador, o seu companheiro indispensavel, o seu cão. E não se lhe levando em conta na economia do pezo que a cada bilhete é permitido, o que não é justo, porquanto apenas carece de um reduzido espaço debaixo do logar occupado por seu dono, exige-se-lhe até que o *facture* e abone por elle

(casos ha) quantia nove vezes superior ao preço do bilhete do passageiro.

Nos comboys tramways em que os caçadores dariam um grande contingente de passageiros, é-lhes vedado viajar, porque é maior o imposto de transitio do seu cão do que o do seu proprio bilhete.

Ao claro espirito de V. Ex.<sup>a</sup> não é necessario apresentar outras considerações além das expostas, para a comprehensão do manifesto prejuizo que advem á Companhia com a subsistencia da actual tarifa applicada aos cães.

Não obstante ser justissimo que ao caçador se permitisse o transporte gratuito do seu cão, a nossa aspiração não pôde nunca ter esse objectivo.

A tarifa especial concedida aos nossos confrades de Hespanha, para transporte de cães de caça, quando acompanhados de seus donos, em vigor desde maio de 1900, nas Companhias de Caminhos de Ferro de Madrid a Saragoça, e do Norte, satisfar-nos-hia completamente.

Por esta tarifa, de uma a outra estação da Companhia, sempre que a distancia entre o ponto de procedencia e o do destino, não exceda 150 kilometros, paga o caçador 50 réis por cada cão e zona indivizível de 50 kilometros.

Limitamos a esta concessão o nosso pedido. E certos estamos que se V. Ex.<sup>a</sup> se dignar estudar o assumpto, no interesse da Companhia de sua acertada direcção, do mesmo modo o resolverá.

E' favor que á justiça e rectidão de V. Ex.<sup>a</sup> esperamos dever, tanto mais que a benevolencia havida para com os caçadores na vizinha Hespanha se repercutiu nas empresas ferroviarias de França e Allemanha, que lhes tem concedido commodidades e vantagens que não osamos solicitar, e de V. Ex.<sup>a</sup>, certamente, são subbejamente conhecidas.

Lisboa, 4 agosto de 1902.

\*

A Direcção da *Associação Protectora da Caça em Tempo Defezco* na sua ultima sessão da epocha do defezo findo, realisada em 12 do corrente, resolveu: officiar ao sr. administrador do concelho de Belmonte pedindo a punição de Antonio Fonseca Gorgana, que no dia 20 de julho foi visto a caçar no sitio do Panasco; officiar ao sr. J. Ribeiro, administrador do concelho d'Agueda, agradecendo a communicação que esta auctoridade lhe fez de ter o guarda civil n.º 29, João Maria Cardoso, prestado optimos serviços á causa do defezo, e gratificar, conforme o pedido do sr. J. Ribeiro, aquelle guarda; proceder ás averiguações necessarias para conhecer da verdade da denuncia que lhe foi feita de ter sido encontrado a caçar um tal Venancio.

O sr. José d'Alcantara Ferreira das Neves, communicou ter satisfeito a importancia com que a Associação resolveu, em Abril ultimo, auxiliar o *Grupo de Caçadores de Setubal*, na fiscalisação do defezo ali organisação.

O secretario communicou tambem que fóra officiado em 5 d'Agosto, ao sr. administrador das Caldas da Rainha, chamando a sua attenção para o facto de ter-se caçado em 27 de julho, n'aquelle concelho, no sitio do Nadadouro, pedindo-se o levantamento do devido auto aos transgressores, e bem como á mesma auctoridade pedira para obstar á realisação das caçadas projectadas para 11 e 13 do corrente mez, offerecendo-se-lhe para a fiscalisação dos campos, nos citados dias, o auxilio do cofre associativo. Disse ainda que aos dignos socios, os srs. Carlos Joaquim Monteiro e Henriques Salles Henriques, solicitára a organisação d'uma policia particular com o mesmo fim.

Se estas providencias no sentido de obstar a taes caçadas, não tem influencia pela proximidade em que estamos do termo do defezo, no desenvolvimento da creação, são, todavia, de caracter a promover o respeito que á lei se deve, e conter os insoffridos nos annos futuros, e portanto, a nosso vêr, muito bem tomadas.

## NAUTICA

### DE LISBOA A SETUBAL POR MAR

No domingo 3 do corrente, por amavel convite do *Real Club Velocipedico de Portugal*, fizemos uma das mais agradaveis digressões que ao lisboeta é permitido fazer.

A's 8 horas da manhã, apesar de estar annunciado para as 7 horas, largamos da ponte do Caes de Sodré a bordo do ma-

gnifico vapor *Lisbonense*, da *Parceria dos Vapores Lisbonenses*, com trezentos companheiros, que tantos foram os bilhetes vendidos; rio abaixo, ás 9 horas passavamos entre torres e seguíamos barra fóra.

A manhã estava bella e calma, o mar chão e espelhado, mas apesar de nos termos afastado bastante da terra, para evitar as ondulações do mar junto á costa, ainda assim essas ondulações foram o sufficiente para que algumas senhoras mudassem de côr e a palidez denunciasse o enjô que tão encommodo é.

Durante o trajecto passamos perto de uma escuna franceza que navegava para o norte e, como se n'um e n'outro barco houvessem conhecidos ou amigos, os lenços e os chapéus agitaram-se com farnese e entusiasmo! Foi o unico barco que encontramos.

Quando nos aproximamos da terra junto ao cabo de Espichel, é soberbo vêr a quantidade e variedade de grutas e casernas com fórm phantasticas em que o mar entra por ellas dentro, confessamos que nos assaltou o desejo de nos aproximarmos em um pequeno barco para as vérmos de perto.

Depois, Cezimbra, em frente da qual navegava quasi em completa calmaria a *Queenie* do nosso amigo o sr. Arthur Pereira; depois a serra da Arrabida com o seu convento a meia encosta e aos pés, junto ao mar, o Portinho d'Arrabida. Mais adiante a Torre do Outão d'onde um bando de crianças que alli estão no sanatorio nos saudou com os seus brancos lenços, o que produzia um bello e encantador effeito.

Era uma hora quando o *Lisbonense* largou ferro em frente quasi do quartel de infantaria n.º 11. Desembarcamos em botes e fomos direitos ao Hotel Esperança, um magnifico edificio mas onde nos fallou a esperança de almoçarmos, senão bem, ao menos rasoavelmente.

Eramos tres, Costa Campos, Claudio Rozado e nós. Era uma hora e vinte minutos quando entramos, cheios de esperança, pois, nenhum de nós tinha almoçado, mas, ó infelicidade, tudo cheio, primeiro andar e restaurant no rez do chão, optamos por um compartimento com a classica cortina.

Uma lastima, de casa, não havia toa-lhas, nem guardanapos; um pobre diabo que seria tudo menos criado de meza, tentava servir-nos, mas qual, era impossivel. Sahimos ás 3 horas da tarde tendo obtido, com grande trabalho e esforços: tres postas de pescada cosida de um centimetro cada uma, e seis pequenos bocados de batata, um linguado frito partido ao meio, que teria de comprido, quando muito, 20 centimetros e depois dois meios bifes de carne de boi velho e talvez tres ovos mechidos! Confessamos que o nosso prato de resistencia foi... pão e manteiga, e, no fim uma chavena de café tendo-se tambem servido uma garrafa de vinho, e tudo isto pela modica quantia de 1\$500 réis!

Devemos acrescentar que n'aquelle estabelecimento uma gazozza custava 70 réis! e quem deitava um copo de cognac n'um copo d'agua, pagava 20 réis pela agua!

Uma tristissima *desillusão*... aquella *esperança*.

A's 6 e meia da tarde largavamos para Lisboa no bello *Lisbonense*; tudo muito bem até dobrarmos o Cabo de Espichel, mas, d'ahi por diante uma nortada algo rijá obrigava o vapor a continuos balanços, alguns mais bruscos e muita agua pela proa. Resultado, senhoras enjoadas e homens bastantes no mesmo estado, todos em côro chamando pelo santo protector

dos que enjoam que é... S. Gregorio; e assim, passamos ás 10 horas entre torres subindo o rio e desembarcando ás 11 horas da noite.

Para nós, este passeio, foi magnifico, era a primeira vez que o faziamos e confessamos que o havemos de repetir. E diremos mais, que tão acertadas foram as providencias que a digna direcção do R. C. V. P. deu, que, durante todo o passeio não houve um unico caso, quer á ida ou na volta, por leve que fosse, digno de censura ou reparo.

Dirigindo tudo, sempre amavel e sollicito, o nosso amigo o sr. Correia de Sá, digno presidente da direcção, foi verdadeiramente incançavel.

Os nossos agradecimentos pelo bello dia que passamos e os nossos parabens á illustre direcção do *Real Club Velocipedico de Portugal*, pelo magnifico passeio que com tanta ordem organisou.

#### R. C. N. L.

Em o nosso excellente collega *Diario de Noticias*, veio um artigo firmado pelas iniciaes P. D. visando directamente o *Real Club Naval* por usar a sua bandeira privativa, depois tambem, da *Mala da Europa* o R. C. N. soffreu censuras.

O nosso estimavel collega *A Epocha* defende-o n'um belo e ceiciteuoso artigo.

Ora o R. C. N. L. usa legalmente a bandeira privativa, pediu superiormente essa regalia e obteve-a, além d'isso está ella consignada em documentos officiaes, como prova com o officio que dirigio ao *Diario de Noticias* e que este nosso collega publicou no dia 10, com novos commentarios do seu collaborador o sr. P. D., commentarios que nada provam do que dizem.

Publicamos em seguida o officio que o conselho director do R. C. N. L. enviou ao nosso collega:

Sr.—A direcção do Real Club Naval de Lisboa ao ler o artigo de fundo do seu jornal de hontem, sexta-feira, 8 de agosto corrente, não pôde deixar de fazer as seguintes declarações para o que pede a V. a publicação d'estas linhas

O artigo não pode senão visar este Real Club porque nenhum outro club gosa presentemente da honra de uma bandeira privativa, instituida não por mero «capricho» ou por simples disposições estatuarias mas porque assim lhe é concedido por lei.

Assim em officio do Departamento Maritimo do Centro, de 26 de agosto de 1901 foi-nos communicado que S. Ex.<sup>a</sup> o sr. ministro da marinha por despacho de 22 do mesmo mez permittiu que as embarcações portuguezas registadas n'este Club possam içar á pôpa a bandeira privativa. A ordem da armada da serie A, relativa a 31 de janeiro de 1902, nas suas disposições leaes e regulamentares a folhas 174 traz o seguinte despacho: *Permittindo que as embarcações registadas no Real Club Naval de Lisboa possam içar á pôpa a bandeira privativa do mesmo Club.*

Este caso é unico no nosso paiz. Lá fóra não. Quem abrir o *Lloyd, Yacht register*, desde 1898 pelo menos, encontra a folhas 20 esta bandeira acompanhada do nosso galhardete (o que prova que ella já era conhecida e acceita no estrangeiro) e o mesmo acontece a varios clubs não só inglezes mas d'outras nações.

Com respeito ás regalias dos barcos de recreio o art.º 157 da Organisação dos Serviços dos Departamentos Maritimos da Capitania dos Portos de 1 de dezembro de 1892 diz o seguinte:

*Os hiates, cahiques e mais embarcações de recreio pertencentes a associações navaes auctorisadas pelo governo, gosarão do privilegio de navios de guerra... etc.*

Não sabemos até que ponto se estendem as disposições da lei de 4 de junho d'este anno em que se diz que os barcos de recreio estão sujeitos como os mercantes á fiscalisação maritima, mas o que nos parece é que se começam a decretar difficuldades ao «yachting» em Portugal em vez delle se desenvolver como tem sido o nosso fim, morrerá por completo.

Agradecendo a v. a publicação d'estas linhas somos com a mais subida consideração etc.

O conselho director

O caso da bandeira privativa não é tão feio como o querem pintar, pois, segundo nos consta, não é o primeiro caso que existe em o nosso paiz, parece até que, ha tempos que não vão longe, uma associação reconhecida com caracter official como *A Liga Naval*, que ninguem pode acoiimar de falta de patriotismo, sollicitou a mesma regalia, e tanto assim foi que uma das condições imposta á *União Nautica*, que andou na forja e que infelizmente se não realisou, era que os barcos de todos os clubs federados ou fazendo parte da *União*, inçariam a bandeira privativa da *Liga Naval* na poupa, em logar da bandeira portugueza azul e branca.

Se a associação a que nos referimos conseguiu ou não o seu desejo é o que nós não sabemos. Que horrivel cousa é sair-se da vulgaridade.

No proximo domingo 24 de temo outra regata preparatoria para o grande *certamen* nautico que este magnifico e prospero Club está preparando para 21 de setembro, segundo nos consta, em Cascaes.

Os interessantes e originaes *bulb-keels* e o *finkeel* de Sua Magestade El-Rei, teem atrahido, pela originalidade, grande numero de pessoas a presenciar estes treinos para a grande regata; sobre tudo a fóma admiravel como elles voltam em perfeito peão e que nós tantas vezes temos presenciado com o auxilio do nosso binoculo, quando elles andam em passeio pelo Tejo, causam a admiração de todos que os vêem.

E' preparar, pois, para a grande regata de Cascaes que promete ser das melhores que entre nós se tem feito, consta-nos que se projecta que sejam em dois dias, n'um as regatas de vela e n'outro as corridas a remos.

Continue pois o R. C. N. L., sem desalentos, no caminho que tem seguido, que tão brillhantes resultados tem dado e tão alto tem levantado o *sport* nautico em o nosso paiz.

## MOSAICO

### TOURADA

No domingo 24 do corrente tem logar no Colyseu Figueirense, da Figueira da Foz, uma apparatus corrida de touros, sendo o gado pertencente á Companhia dos Lezírias.

Cavalleiros: Manuel Casimiro e seu filho José Casimiro.

Espada o distincto matador Manuel Garcia, «Revertito.»

Bandarilheiros: Theodoro Gonçalves, Raphael Peixinho, Francisco Saldanha, Carlos Gonçalves, Silvestre Calabaça e os da *cuadrilha* de «Revertito.»

Forcados: Um valente grupo de Riacho e Lisboa.

Abrilhante esta festa a Real Philharmonica 10 d'agosto da Figueira e a Banda Municipal de Cuidad Rodrigo (Hespanha.)

Haverá comboios a preços muito reduzidos nas linhas de Salamanca, Beira Alta e Companhia Real.

Tudo promete que esta corrida seja uma das melhores da epocha, pois a empresa não se poupa a esforços para que assim aconteça.

F.

## THEORIAS

NAS

# CASERNAS

PELO TENENTE CORONEL

Ribeiro Arthur

E CAPITÃO

Pimentel Maldonado

—>>><<<<—

## EDUCAÇÃO MILITAR DO SOLDADO

PUBLICAÇÃO DA REVISTA

« O TIRO CIVIL »